



FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. (Org.). A virtude da força nas práticas interdisciplinares. Campinas, SP: Papyrus, 1999. 174 p.

A força viva na vida dos pesquisadores
Eis a manifestação do SER!

A professora Ivani Fazenda organiza nessa obra um conjunto de 14 textos, textos esses de seus alunos, reveladores da virtude da força nas práticas interdisciplinares. Essa produção tem o intuito de homenagear, postumamente, Georges Gusdorf – um dos pesquisadores precursores da teoria da interdisciplinaridade - e a todos os professores que contribuem para a formação de seres cada vez mais “humanos, livres e completos”. A presente obra é editada pela Papyrus, em 1999 e cinge os saberes particulares de cada pesquisador, que muitas vezes se encontravam/encontram adormecidos/calados em virtude da formação disciplinar que tiveram/tem. Nesse meio, o livro habita os sonhos de uma educação transformadora, ao indicar que o ato inicial parte sempre do desejo de um sonho, que pode até parecer utópico, mas que desencadeia uma nova ação, um novo rumo e um olhar mais aprimorado em relação aos seres e a nós como profissionais da educação. Outra característica ressaltada por Fazenda é a presença viva do respeito, da humildade, da pesquisa, do desapego, da interdisciplinaridade, seja com todas as suas facetas e com todas as suas dificuldades. Na sua escrita, oferta-nos sensivelmente, uma citação de Gusdorf, do qual é discípula, ao conduzir-nos à reflexão sobre a raridade das “ilhas de alegria”, bem como a força presente nesses pequenos momentos. A sua profundidade e a sua força tem o poder de marcar e mudar para sempre as nossas vidas. Célia Linhares abre essa coletânea com o texto Memórias e projetos nos percursos interdisciplinares e transdisciplinares, em que a autora reflete sobre as relações entre esses conceitos que envolvem a memória e os projetos que sustentam esses processos. Apóia-se em um resgate histórico para conduzir os leitores a uma compreensão além daquela que está posta. Sob essa ótica, podemos até nos desvincular do momento histórico, por sermos sujeitos em transformação, viventes em uma sociedade metamórfica, mas não podemos perder o vínculo com a história, pois somos sujeitos históricos, portanto, fazemos história por pertencer a esse contexto, remete-nos ao conhecimento, que por sua vez nos insere na pesquisa; premissa para validar os saberes. Esses saberes também se encontram em movimento, fazendo emergir o novo. Este, surge quando ressignificamos o velho e o tornamos novo. Todavia, isso exige reflexão, desercção, tempo, prática/ação e um olhar aprimorado sobre si e sobre o mundo. Nessa perspectiva, Linhares nos mostra que o percurso histórico nem sempre acontece com tamanha linearidade. Ele se encontra envolto em muitas e muitas interferências no seu processo, pois consolida-se e reconfigura-se sempre; e nós, sujeitos viventes e partícipes dessas transformações, carregamos conosco um pouco de todas as mudanças já vividas. Por isso, superar o esfacelamento do saber e das disciplinas, exige que nos desfaçamos de resquícios que estão impregnados em nosso ser – pessoal/profissional. Desse modo, para assumirmos uma atitude inter e transdisciplinar, é preciso partir para a ação e senti-las vivas em nossas vidas. Fabio Cascino, com o texto Interdisciplinaridade, vontade e força: exercício de afirmação de vida nos mostra que, ao encararmos a ousadia que a vida nos impõe, lidamos,

automaticamente, com o medo do que não sabemos, do novo. Porém, negar toda essa ousadia, seria assumir uma postura hipócrita diante das relações humanas, pois quem de nós não ousou fazer o não feito? Quem de nós não ousou escrever o não escrito? O não pensado? Toda essa vontade de experimentar o não experimentado nos contata com o limite e este “[...] é a própria consciência da possibilidade”. Cascino nos diz que a força emana de nós, daquilo que é bom e belo, como também, do limite finito que a morte nos impõe. Essa, em toda a sua finitude, pode ser burlada quando a racionalizamos, pois aquilo que produzimos permanecerá e com isso, o espectro de nossa presença se vivifica. Dessa maneira, a interdisciplinaridade nos oferta possibilidades para tratarmos dessas questões no processo de formação dos sujeitos, buscando romper as fronteiras que se mostram com a habilidade de seu olhar ambíguo, forte e ousado.

Jucimara Rojas e Paulo Roberto Haidamus Bastos expõem o texto *A força do símbolo*. A virtude da metáfora. Uma expressão do ser. Os autores destacam que a metáfora nos faz caminhar entre a objetividade e a subjetividade, ao utilizar-se de uma linguagem simbólica para dizer e este dizer nem sempre é dito de modo direto, fica a cargo dos leitores interpretá-los. Para sequenciar as suas reflexões, valem-se do riso, dos Palhaços Gira-Gira e Gira-Sonho, metáforas lindas, profundas e sensíveis que nos tocam em relação ao Ser Professor, esse ser “gostoso” que precisa de alimento, de vida e de riso. Rojas e Bastos nos conduzem ao encontro; encontro com o sentido da ação do mestre, percebido nos mais variados lugares e nas mais diferentes situações/ações. Revelam que somos nós que escrevemos a nossa história e que o “primeiro outro” é o próprio “eu”, o olhar que tenho sobre mim; é o “outro” que habita dentro de mim. Assim, compreendê-lo é fundamental para virmos a ser, um só sujeito, num só corpo. E mais, para fazermos rir – enquanto professores/mestres – é preciso antes, rirmos junto, muitas e muitas vezes. É preciso fazer parte do espetáculo!

Wânia Clemente de Castro, em *Metáfora do Anel de Möbius: Forças nas redes de aprendizagem on-line* nos traz reflexões sobre essa metáfora. Seus apontamentos cerceiam as relações estabelecidas – interiores e exteriores – com os saberes e com a vida dos sujeitos, ao interconectar corpo e mente. Castro considera que essa metáfora indica a não linearidade e a relação ambígua pela qual a nossa vida/conhecimento/mundo se estrutura e que, cada um, pertencente a um grupo, constrói um símbolo de acordo com a sua identidade singular. A autora elabora um atrativo quadro analógico, relaciona as associações existentes entre o Anel de Möbius, a interdisciplinaridade e as redes de aprendizagem on-line e nos convida, enquanto professores, a repensarmos a nossa prática, pois “[...] quando tudo parece perdido, há uma dobra e nela uma atitude, uma alternativa, ou uma possível saída”.

Maria Inês Diniz Gonçalves nos toca com o texto *Música: a força virtuosa que falta à educação*. Essa produção, literalmente, soa como música no momento da leitura, da reflexão e da pesquisa. Os benefícios da música, bem como a sua força no contexto educativo e na vida/formação dos sujeitos circundam todo o desenvolvimento da obra. Gonçalves destaca, também, que o nosso desejo de seres viventes em saciarmos e entrarmos em contato com o novo, com aquilo que ainda não sabemos nos acompanha, instiga e alimenta para perseguirmos, mesmo que seja de forma utópica, os saberes ainda não sabidos, os sonhos ainda não sonhados e a felicidade ainda não encontrada. Nessa busca, a força individual é somada com a virtuosa força coletiva. Entretanto, a unicidade de cada ser, dentro de seu coletivo, ali permanece. Assim, a autora diz que a música tem a força de desentranhar o mais íntimo dos sentimentos e de despertar os seres por inteiros para a vida – com vida.

Valéria Sperduti Lima em *A virtude da linguagem na construção do conhecimento*, utiliza-se de seu olhar de bióloga e de professora para compreender a natureza humana. Convida-nos à reflexão quando apresenta um mito indígena que envolve arco-íris, cores, singularidades, pedaços... Existe aqui o desejo do entendimento sobre a inteireza e a incompletude dos seres. Lima revela que a comunicação mostra aos outros os nossos desejos, as nossas ações, o “eu”. Esse “eu” que se mostra “nu” aos outros, através da comunicação, faz com que ofertemos a outrem a singularidade que nos cabe e deles recebamos as suas contribuições, também únicas. Dessa maneira, crescem “eus” e “outros”, pois ambos utilizam o encontro, a troca, a parceria, a contemplação, a confiança, o conhecimento, o consenso e a linguagem. É um constante aprender e um sentir-se parte do todo que está sempre vivo.

Diva Spezia Ranghetti traz o texto *A força do ato de perguntar na ação reflexiva*. A autora atenta sobre a força da pergunta, volta-se à interioridade e à exterioridade dos seres, ao mostrar o quão importante é esse momento para historicizar os acontecimentos nos processos de formação e de pesquisa dos sujeitos. “Desvela”, dessa maneira, as benéficas dos professores apreenderem a se conhecer dentro da sua incompletude, a rever-se, a refletir-se, a ouvir-se, a perguntar-se, a falar, a renascer e a transcender-se enquanto seres e profissionais da educação. Nessa perspectiva, conduz os seus leitores à reflexão – a todo tempo – pois vivifica o texto com perguntas que nos inquietam e nos desestabilizam.

Ranghetti habita esse espaço porque seus estudos revelaram que “[...] a primeira pergunta é para o sujeito que pergunta”. Portanto, quando este o faz, a força se manifesta. Referenda, também, a importância da afetividade em sua vida, a partir da pesquisa realizada em seu Mestrado. “Diva”, Professora/Mestra e amiga, nos presenteia com uma investigação repleta de sensibilidade, profundidade e envolvimento, o que demonstra que esse contexto foi habitado na sua inteireza, com toda a sua força. Vitória Kachar, com Transformação no trajeto do professor/pesquisador: uma reflexão singular, evidencia uma experiência de mudança por ela sofrida como professora diante de um grupo da terceira idade e perante seu processo de formação como professora/pesquisadora, ao abordar o tema computador/informática. Toda essa “metamorfose” exigiu um lidar constante entre objetividade/subjetividade, velho/novo, estabilidade/instabilidade, heterogeneidade/homogeneidade, prática/teoria... Kachar enfatiza a beleza e as vantagens de assumir-se, ao mesmo tempo, professor e aluno/aprendiz, pois essa vivência lhe propicia uma reflexão acerca da prática, do planejamento e da teoria, que mesmo sendo, aparentemente, “nova”, precisou do “velho” para reviver. Por isso a autora nos diz que a reflexão é o ponto de partida para a mudança, já que a formação dos seres spectra o inevitável contato com o complexo e com o simples que cinge a vida dos sujeitos. Sob essa ótica, a mudança faz parte da gestação contínua dos seres em relação ao seu crescimento pessoal/intelectual, profissional e social, não possui, portanto, tempos e espaços pré-determinados. Humanar-se é um processo infundável. Cristina Maria Salvador apresenta o texto Coordenação Pedagógica: Virtude e força na constituição da parceria e traz a metáfora do “maestro” para significar o trabalho do Coordenador na escola. Maestro, porque, do mesmo modo em que este rege uma sinfonia – e para isso precisa conhecer as especificidades e os sons de cada instrumento da orquestra, o Coordenador Pedagógico circunda o ambiente escolar e, sobre este, lança um olhar desejoso, inquiridor (familiar/estranho) e parceiro para desenvolver um trabalho harmônico na escola. Nesse viés, relata uma experiência vivenciada no Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (CEFAM), onde foi desenvolvido um trabalho de verdadeira “maestria”, cooperativo, parceiro e social. Salvador avulta o trabalho surgido com base no encontro, na parceria com os outros – também pares, pois diz que “[...] o outro me arranca pensamentos e idéias dos quais não me sabia possuidora. Eu lhe provoco pensamentos, ele me leva a pensar”. Essa relação virtuosa com os outros emana força através da parceria firmada com a família, com o grupo de amigos, com colegas, educadores, alunos, teóricos, com Deus. Uma relação de virtude e de força, à primeira vista, estranha, mas que depois de habitada, torna-se tão familiar que fica difícil nos percebermos sem os outros, pois “somos juntos” aquilo que sozinho não teríamos condições de ser. Célio Pinho, com A virtude da força na formação do professor tece reflexões sobre a necessidade da escola acompanhar as transformações, já que a escolarização é premissa para qualquer tipo de formação. Menciona que essas mudanças exigem muito mais que leis, decretos, alterações curriculares ou pacotes de ensino; implicam atitude, ousadia e reflexão acerca das experiências já vividas. Pinho ressalta que a formação dos sujeitos/professores necessita caminhar para a compreensão dos seres; para o (des)conhecido, que se apresenta, ambigüamente, novo e velho a cada dia e para uma perspectiva interdisciplinar, em que a inteireza das potencialidades dos seres possam ser desenvolvidas. Dessa forma, é preciso se desfazer das amarras que nos prendem, com o intuito de vislumbrar novas saídas e buscar inserir a humildade e a vivacidade da alegria como força propulsora na formação dos professores. Geralda Terezinha Ramos socializa a produção Mudança: virtude e força na reconstrução da prática docente. A autora reflete, primorosamente, sobre as vantagens que a revisita ao passado proporciona aos seres que se permitem fazê-la. Revela que, apesar de todas as transformações pelas quais passamos, as marcas do vivido se fazem presentes e nos constituem enquanto seres/professores. Nessa perspectiva, carregamos um pouco de tudo aquilo que já vivemos e isso se revela em nossas ações. Os resquícios do vivido estão impregnados em nosso ser, por isso, mudar nem sempre é fácil. Ramos destaca que faz parte da mudança a aceitação do novo, a ruptura com o velho, o lidar com o binômio fragilidade/força, com a instabilidade, com a inserção da subjetividade, da incerteza e da ambigüidade. Atitudes diferenciadas para contextos diversos, ou seja, assumir um olhar que vê além do que está posto – interdisciplinar. Gilberto Dimenstein apresenta A virtude da força na construção da cidadania: por que educar para a cidadania ajuda a melhorar o país e aprimora a qualificação profissional. Nesse texto, o autor aborda os benefícios de uma educação para a cidadania, como sendo esta a ponte que conduz os sujeitos ao progresso individual/social/profissional, apesar de todos os desafios que cerceiam a sociedade. Utiliza-se de seu olhar de jornalista, colunista e escritor de livros para refletir sobre os aspectos educacionais, pois se sente incomodado com

algumas situações, apresentando-as em forma de perguntas que cingem o texto. Incorpora em seus escritos a experiência vivida em Nova York/Brasil, vivência esta que o fez perceber que a aparente “segurança”, de segura, nada tinha. As discussões são aprofundadas e divididas em “Saberes e fazeres, Descobertas, Comunicação, Alavancas, Mau aluno, Rota segura, Escrever na areia, de Sócrates a Paulo Freire e na Faculdade”. Luiz Carlos Pereira de Souza finaliza com a Atitude interdisciplinar: virtude força nas realidades cotidianas. Souza ressalta que a interdisciplinaridade tem sido enaltecida por muitos, porém, habitada por alguns poucos. Falta comprometimento, atitude. Atitude esta que deve ser vivida, sentida, refletida, praticada e não camuflada para “ficar bem na fita”. Acerca desse “disfarce”, referenda casos reais por ele presenciado num restaurante às margens do Tietê e numa favela próxima à Avenida Celso Garcia. Souza é enfático ao dizer que a atitude interdisciplinar imprime (re)construção, (des)construção, um olhar ambíguo, que nos convida a ver além do visto, sentir além do sentido e pensar o ainda não pensado. Pressupõe força/desejo/demência, ou seja, a ousadia necessária que contata os homens com a sua realidade, para nela, posteriormente, perceberem a presença da possibilidade, ainda viva. Nesse momento, diz o autor, que “a virtude da força está nos recursos que o homem encontra em si mesmo quando tudo parece perdido, quando nada mais lhe resta. Ele dá a volta por cima com a vontade soberana de encontrar a saída”. Eis a força, a vida viva e o sentido da interdisciplinaridade!

Ivani Fazenda, juntamente com os seus parceiros, brinda a todos os seus leitores com esta obra, pois nela se encontram inscritos A virtude da força; essa força que está presente em todos os seres, porém, nem todos sentem a sua presença viva em suas vidas. Força capaz de permitir o pensar do impensado, de fazer o não feito, de ver o não visto... De simplesmente SER. Ser na inteireza, na complexidade e na simplicidade do SER pessoa/professor/pesquisador vivente dessa sociedade que se metamorfoseia a cada momento. Virtude ao conscientizar-se da sua não completude, da necessidade dos outros para desenvolver-se como SER, parceria essa originada pelo encontro; parceria que me permitiu, enquanto leitor, flexibilizar sobre o lido/vivido/pensado/praticado, que proporciona-me momentos de profundo gozo intelectual e reaviva em mim o desejo firme de sempre SER; parceria que concedeu a manifestação da força e da vida como virtude.

Resenha produzida por Leomar Kieckhoefel,